

An aerial photograph of a woman in a bikini floating on her back in clear, turquoise water. The water is shallow and reveals a rocky, textured seabed. The woman is positioned in the lower-middle part of the frame, with her arms and legs spread out. The overall color palette is dominated by various shades of blue and green, with some brownish tones from the rocks.

J

Menorca

A ilha que (nos)
desafia a noção
de tempo

Alter do Chão
Cruzar o passado com o
futuro à mesa do Páteo Real

Chefe do Ano
O regresso às origens
de Diogo Novais Pereira

FUGAS | Público N.º 12.469 | Sábado 22 Junho 2024

Viagem

Menorca

Ilha do silêncio

Se quer ver e ser visto nas férias, esta ilha não é para si. Não é preciso embarcar em nenhum retiro para encontrar paz de espírito em Menorca: a ilha das Baleares é um convite a calçar umas menorquinas e desacelerar. Sem grandes euforias nem festas, por ali, é mais sopas e descanso, que é como quem diz, *calderetas* e *siestas*. Junta-se queijo, vinho, arte e um céu repleto de constelações e fica completo o roteiro. *Sandra Nobre*

● Quase perdia o voo, entretida que estava em conversas de café no aeroporto. A correria para contrariar a informação “porta encerrada” do painel não seria importante se não me tivesse trazido à memória o Coelho Branco, de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e o seu relógio a lembrá-lo de que está constantemente atrasado e a viver num ritmo frenético. Foi por um triz que embarquei para Menorca, a que chamam a ilha tranquila, a antítese dos dias, a desafiar o ritmo e a noção de tempo.

Eduardo Chillida (1924-2002) passava temporadas em Menorca para encontrar inspiração, sobretudo, no Verão. O escultor era apaixonado pela luz mediterrânica das Baleares, muito diferente da luz atlântica de San Sebastián, a sua terra natal. Era um pensador, desorganizado, que tomava notas em guardanapos e nas margens dos desenhos. Por ocasião do centenário do seu nascimento, que agora se celebra, foi lançado *Escritos*, que reúne ideias soltas sobre as questões que o inquietaram toda a vida e que se reflectiram na sua obra. O livro foi um feliz achado que se tornou fio condutor da estada na ilha.

“Como? Onde? Quando? Até onde? Desde quando?”, questionava Chillida. E quantas vezes repetimos estas perguntas no quotidiano? Ou quantas



vezes nos esquecemos de as formular? A quietude da ilha leva-nos para outra viagem, mais introspectiva. A banda sonora é surpreendente: o silêncio – um prazer cada vez mais raro – e os sons da natureza, o marulhar das ondas e o assobio da *tramontana*, o vento provocador que sopra do Norte, oriundo do golfo de Lyon, passageiro frequente (e pouco apreciado) por estas paragens.

Menorca não é festeira nem exibicionista como as badaladas Maiorca ou Ibiza, pelo contrário, pede roupa confortável e chinelos no pé – que, aqui, respondem pelo nome de *menorquinas*, o modelo em pele que

ganhou fama internacional e que é produzido na ilha. E, não fossem as redes sociais e os voos directos, seria pouco provável dar de caras com alguém conhecido (mas esse também é um dos encantos do destino).

Muita tinta já se usou para descrever as *calas* e as praias de areias brancas e águas turquesa e é impossível resistir a um mergulho e aos banhos de sol. Os *acantilados* são idílicos, com pequenas casas que parecem flutuar de tão próximas que estão da água e que são disputadas pelos veraneantes durante a temporada estival. E seja o areal mais extenso ou apenas um banco de areia à medida de meia

dúzia de toalhas estendidas, nunca tem a sensação de um mar de gente. Basta andar mais uns metros e logo há outra *cala* mais sossegada. Só as algas, comuns em alguns recantos da ilha, se tornam invasoras, mas até isso parece não incomodar quem cá vive. No primeiro crepúsculo, o corpo já serenou. Da janela do quarto, outra ilha espreita. Amanhã, vou ao seu encontro.

De pedra e vento se faz arte

“Os olhos para mirar/ os olhos para rir/ os olhos para chorar/ servirão também para ver?” *Os Escritos* embar-

cam também no *ferry* para a Ilha do Rei, a antiga ilha-hospital transformada em ilha-museu Hauser & Wirth. A travessia a partir do porto de Maó (Mahón, em castelhano) é curta, dez minutos depois já estamos a desembarcar, onde, em 1711, os ingleses edificaram um hospital militar. Deixada ao abandono, um casal suíço viu potencial entre as ruínas e apostou na criação de um espaço de arte, educação e conservação que, a par de exposições, oferece, desde 2021, uma vasta programação cultural para atrair um público eclético. Um grupo de voluntários de diferentes nacionalidades acabaria por unir esforços,

Menorca não é festeira nem exibicionista, como as badaladas Maiorca ou Ibiza

para recuperar o que restava das instalações hospitalares e contar a história das diferentes especialidades médicas levadas a cabo e das quais conservam algum mobiliário e muitos artefactos.

Os olhos detêm-se nas esculturas,

que se fundem com os jardins coloridos e perfumados de Piet Oudolf, onde as lagartixas aquecem ao sol. Há um corvo de bronze que é uma alegoria às políticas raciais americanas, com assinatura de Gary Simmons; Eduardo Chillida saudá os pássaros com uma escultura de aço; Stefan Bruggemann resume tudo no néon *Ok*, a palavra mais escrita nas redes sociais; é preciso esperar pelo pôr-do-sol para assistir à iluminação dos fatos de banho pendurados, de Pipilotti Rist.

A Ilha do Rei pede tempo para que os olhos explorem o que há para ver. Pelo meio, vale a pena, ocupar uma

mesa à sombra das árvores, no restaurante Cantina, e saborear as propostas gastronómicas à base de produtos frescos da época, dos queijos aos legumes, do peixe à carne, sem saltar a sobremesa. Também é possível dormir uma sesta nas espreguiçadeiras mais próximas da água com vista para o porto de Maó.

A impaciência é grande, as exposições ficaram para o fim da visita. Primeiro, na galeria sul, a nova-iorquina Roni Horn, do vidro ao ouro, aborda a ambiguidade dos conceitos, da mesma forma que desconstrói os poemas de Emily Dickinson para que sejam observados como esculturas e não

pelo seu significado literário. O seu auto-retrato, *Black Asphere*, uma esfera negra, é uma reflexão sobre a identidade e o género humano, que nos desafia.

Finalmente, o encontro tão aguardado com Chillida, uma paixão antiga desde a primeira vez que vislumbrei o *Peine de Viento*, em San Sebastián, e visitei a casa-museu. “Interessa-me mais o que se passa entre as formas do que as obras em si próprias”, escreveu. Seja nas esculturas, nos desenhos, nas palavras, há essa busca constante por um conhecimento que nunca o preencheu, pelo contrário, motivava-o a explorar novos cami-



nhos, sempre a questionar-se sem querer encontrar respostas, mas apenas prosseguir caminho.

De Menorca, dizia que era a ilha do vento e das pedras. Fascinava-o o mar, seu mestre, e rendia-se à luz e aos materiais locais, como a pedra. Os moinhos de marés e os monumentos megalíticos talayóticos foram o ponto de partida de algumas das suas criações. A mostra que o celebra, na Ilha do Rei, reúne 60 obras, de 1949 a 2000, muitas delas revisitadas, porque para ele o acto de criar era como uma espiral, que passa pelos mesmos sítios em diferentes períodos e com novas abordagens. “Creio que devo aventurar-me a experimentar o que não sei fazer. Procurar, vislumbrar onde não vejo, ansiar reconhecer o que não posso compreender.” Palavras do artista que não precisava de mais do que olhar para as suas mãos para explorar movimentos e esculpir ferro e aço. Ele, que apreciava o vento e que deixava espaço para que este passasse através das suas obras para lhes dar vida, devia gostar da *tramontana*. Aquela que foi a casa de família na ilha, em Alcaufar, onde tinha um *atelier* ao ar livre, chamava-se “*Quatre vents*” (quatro ventos).

Os olhos guardam os contornos da ambiguidade do artista entre o interior e o exterior, o positivo e o negativo, a matéria e o vazio, que trago na viagem de regresso no *ferry*. O vento acalmou, a mente não.

Maó e Ciutadella, de ponta a ponta

Como os piratas e navegadores que aportavam na ilha, puxemos de um mapa para situar as duas cidades mais importantes: Maó e Ciutadella, nos extremos opostos da ilha. Maó, a sudeste, é a capital e tem um dos mais extensos portos naturais do mundo. Como jograis, andam artistas nas ruas a anunciar a temporada de ópera, que arranca com *La Bohème*, de Giacomo Puccini, e há fila à porta do Teatro Principal de Maó, o mais antigo de Espanha, para conseguir um bilhete – durante o Verão, é instalado um ecrã gigante, que permite a cerca de 700 pessoas assistir à transmissão das grandes produções, e os bilhetes são distribuídos antecipadamente. Entre ruínas de uma limpeza irrepreensível, encontram-se vestígios do Bastião de San Roc, do século XVI, adiante, a Igreja de Santa Maria, que guarda um órgão com 3120 tubos. O Mercado do Peixe, de 1927, com um pátio interior, é hoje um lugar de restauração, com vitrinas repletas de petiscos tentadores.

Daqui parte-se para Es Grau, saindo do asfalto para uma caminhada até à S’Albufera des Graus, um parque natural que integra o núcleo que deu à ilha o título de Reserva da Biosfera, em 1993. A paisagem é avassala- ➔

Viagem

dora, rica em fauna e flora, entre as águas serenas das zonas húmidas, a zona dunar e lagoas. As rotas estão indicadas com o grau de dificuldade e informações úteis ao longo do Camí de Cavalls, com uma extensão de 185 quilómetros, que podem ser percorridos a pé, de bicicleta ou a cavalo, como eram usados no século XIV pelos militares para defesa da ilha. Avistam-se poucos caminhantes e, entre os pinheiros, são os pássaros que dão concerto.

Pela costa, avistam-se mais *calas* e praias e vilas de pescadores. É preciso fôlego para chegar a Cap de Favàritx, um lugar milenar de grande valor paleontológico, onde um farol cénico, 47 metros acima do nível do mar, brilha entre a paisagem rochosa.

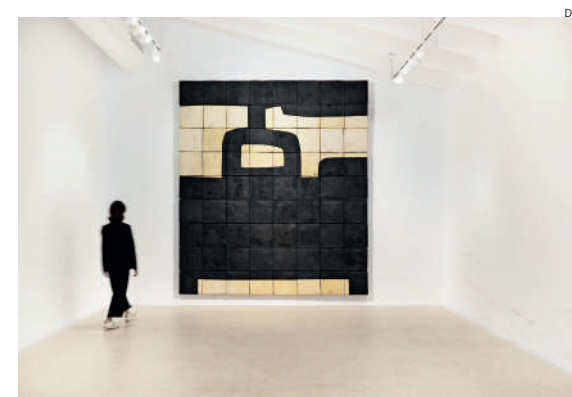
A noroeste da ilha fica a Ciutadella de Menorca, mais pitoresca e fotogénica, com ruas estreitas, casario colorido e edifícios monumentais, como a Catedral. Na Plaza des Born fica os paços do concelho e o obelisco, e daqui parte-se para a zona antiga, animada pelas habituais casas de comércio de artigos de pele, do calçado às bolsas, muitos espaços de autor. Em Ansa per Ansa, pode-se descer ao piso inferior e ver as mulheres a laborar na customização de cestas. Yola Febrer, 46 anos, quis dar nova vida às cestas que se habituou a ver nas mãos das mulheres quando passeava com a avó pelas ruas de Menorca. As funcionárias, Tonia, Nina e Cisca, trabalhavam antes em grandes fábricas de calçado na ilha; agora, é vê-las a dar ao pedal na máquina numa boa disposição contagiante. No piso superior, expõem-se os produtos já prontos e os visitantes estão sempre a entrar.

Em cada porta, uma história de mudança de vida, e muitas começaram noutras geografias, como Bettina Calderazzo, com raízes entre Itália e Austrália, que se mudou para a ilha em 2018, abriu a galeria Etesian e fez da arte um propósito, que se manifesta na curadoria dos artistas que expõe. *Kids and Gods*, de Toni Salom, por exemplo, reflecte a passagem pela Índia e o entendimento dos deuses não como entidades religiosas, mas como uma manifestação de empatia e a marca que o olhar das crianças que conheceu no Oriente deixou no artista. Diante dos seus desenhos somos convidados a equacionar o nosso papel no mundo.

As formas dos anéis e colares e pulseiras nas montras de Aglaya chamam a atenção. Natural de Barcelona, Sonia Pibernat é formada em Belas Artes e Joalheria e cria jóias que contam histórias. “Não são apenas adornos, a sua função é passar uma mensagem”, explica. Algumas das suas peças em prata surgiram da observação do movimento dos corpos de bailarinos. Sonia fala também do trabalho de outras autoras que represen-



Em cima, o interior do Mercado de Mahón. À esquerda, a galeria Etesian, na Ciutadella de Menorca; em baixo, um detalhe do espaço expositivo da Ilha do Rei - Hauser & Wirth, onde decorre uma retrospectiva que celebra o escultor Eduardo Chillida



ta, como Carla Garcia Durlan, que explora os acidentes da criação, ou de Adriana Almeida Meza, que aborda a violência de género. Também lecciona *workshops* que trazem um público diverso ao seu *atelier*, no primeiro andar, para que cada um conheça as suas jóias. Os programas podem durar algumas horas ou dois ou três dias. E assim, ao virar da esquina, a curiosidade ganha outras formas e segue ao pescoço como recordação da viagem.

Queijo e vinho só para começar

Durante séculos, apoiada numa gastronomia de subsistência, os recursos limitados da ilha tornaram a abordagem aos seus produtos mais criativa. Juntaram-se as influências dos colonizadores, dos árabes aos ingleses e aos franceses. Há tantas formas de apresentar as beringelas, como receitas originais das *ensaimadas*, os doces mais famosos de Menorca. E o menu

repete-se amiúde: *oliaigua con higos*, *berenjenas rellenas*, *caldereta de langosta*... Mas o receituário da ilha, à base de produtos da terra e do mar, é rico e cheio de sabor, o que valeu a Menorca a distinção de Região Europeia da Gastronomia 2022, pelo International Institute of Gastronomy, Culture, Arts and Tourism (IGCAT), sobretudo, pela valorização dos produtos locais e pelo turismo sustentável que promove.

O queijo Mahón, produto com

Denominação de Origem Protegida desde 1985, tem um aspecto diferenciador, por ser quadrado. A geografia e o clima, que influenciam a qualidade do gado bovino – há concursos para premiar os campeões, que são disputados pelos produtores –, contribuem para a riqueza do seu sabor, da sua textura suave e do seu aroma. Produzido artesanalmente em cooperativas agrícolas por toda a ilha, preserva técnicas, que passaram de geração em geração.



Binillubet, em Es Mercadal, no centro da ilha, é um desses lugares onde se aprimoram as raças dos animais. *Maria, Dorothy, Nicole, Lágri-ma, Duquesa* e *Ariel* são alguns dos exemplares que fazem parte dessa linhagem de campeões que são estudados e acompanhados com rigor científico. Na quinta produz-se, diariamente, o queijo – atente-se que cada queijo pesa mais de três quilos. Ao longe, ergue-se o Monte Toro, o ponto mais alto da ilha. Subimos ao Santuário da Virgen del Toro, a padroeira dos minorquinos, para contemplar a paisagem. Em dias limpos, avista-se a vizinha Maiorca, mas hoje não quis dar o ar da sua graça.

Por conta da herança britânica, Menorca produz gin, muito popular entre os locais na versão *pomada*, assim mesmo chamado, bebido bem fresco o que o torna enganadoramente leve e fácil, mas o gin vai melhor com o pôr-do-sol e um som *chill out*, que não pode faltar no programa. Porém, o queijo pede vinho, a companhia perfeita.

Seguimos para Binifadet, uma unidade de enoturismo com uma área de produção de 15 hectares, que pro-

move visitas e provas de vinho e tem um aprazível restaurante. Começamos pela vinha, dividida por muros de pedras, para ouvir falar outra vez da *tramontana* e da sua importância: “O vento transporta a salinidade do mar e arrefece as terras, ricas em algas, o que torna este *terroir* único”, explica a guia. Todas estas características contribuem para néctares com um perfil “mais próximo dos vinhos que se produzem na região da Catalunha ou no Sul de França”. Os brancos e os rosés são mais mineiros, os tintos são suaves, como podemos constatar, no final da visita, na prova, mas só depois de visitarmos a adega, que surpreende pela teatralidade da parede em rocha natural, que arrefece o espaço, onde repousam barricas de carvalho francês “menos queimadas para que o vinho mantenha a frescura e a mineralidade que o caracteriza”. Do vinho de ânfora ao vinho espumoso, seguindo o método *champenoise* (do champanhês francês), a produção é variada e é o resultado de quatro décadas de história de Binifadet.

O final de dia, num jantar ao ar livre, perto das vinhas, dá azo a sucessivos brindes. Abro os *Escritos* ao acaso, às páginas tantas diz: “Alerta e livre até ao final, guiado apenas por um aroma.” Chillida devia conhecer bem os vinhos da ilha.



HERITAGEWINES.PT

Seja responsável. Beba com moderação.

Viagem



Venha de lá a pomada ao pôr-do-sol

Ao final da tarde, uma fila anuncia o *spot* mais concorrido da ilha: a Cova d'en Xoroi, na estrada que vai de Maó a Ciutadella. A gruta vai-se revelando em diferentes patamares, miradouros privilegiados do espectáculo do pôr-do-sol (dependendo da altura do ano). Na rocha, está inscrita a lenda trágica que envolve o lugar. Conta que um naufrago, Xoroi, fez da gruta a sua casa, e dá conta do desaparecimento misterioso de uma rapariga da terra, dos furtos sofridos por quem vivia nas imediações, até que, anos e anos depois, por conta de um nevão, que deixou a descoberto as pegadas que conduziam à gruta, se descobriu que os dois apaixonados viviam ali com os seus dois filhos. Sem ter escapatória e temendo as represálias da população, o homem atirou-se ao mar com o filho mais velho. A mulher e o outro filho voltaram para a terra, onde viveram até ao fim dos seus dias. Poucos são os visitantes cujos olhos se detêm na história, quem vem é pelo pôr-do-sol, pela música *chill out* e pelos *cocktails*. Aqui, a *pomada* cai que nem ginjas e a animação é certa. Algumas noites, a música segue noite dentro com festas temáticas.

Há outro *spot*, menos conhecido, que proporciona as mesmas vistas panorâmicas. É preciso entrar no Torre Vella Fontenille Menorca, perto de Alaior, um turismo de habitação que integra a exclusiva rede Relaix & Chateaux. De um luxo simples e confortável, o hotel proporciona diversas experiências, dos jantares nas vinhas a um piquenique na falésia ao pôr-do-sol. O jantar vai ser aqui, no restaurante Siempreviva, com inúmeras salas improvisadas no exterior, nos



recantos do edifício, iluminadas por velas. Lá dentro, a lenha da lareira enfatiza os aromas campestres que perfumam o jantar. É o cenário de um qualquer filme romântico, mesmo quando ficamos na ilusão de que alguém está para chegar...

Não fosse a lua cheia e as nuvens, este seria o observatório perfeito para contemplarmos o céu de Menorca, classificado como reserva e destino Starlight, com condições ideais de observação astronómicas. Mas a meteorologia não cooperou.

Estão todos na ilha!

Joan Miró, Francis Bacon, Antonio Saura, Antoni Tàpies, Marina Abramovic estão todos na ilha. Em Alaior, a Lôac - Alaior Art Contemporani desvia as atenções dos monumentos talayóticos, Património da Humanidade da UNESCO. Não há comparação possível, mas convenhamos que não é todos os dias que encontramos num pequeno museu uma colecção privada, entre pinturas, esculturas, gravu-

ras e instalações, com tantos imortais. Marina Abramovic ocupou uma capela, na antiga Igreja de Gràcia, para mostrar uma obra nunca exposta: *Five Stages of Maya Dance*. Dancemos também, Menorca conseguiu surpreender até ao último minuto.

Ah, os *Escritos*, de Chillida, continuam a ecoar em mim: “A tarde avança lentamente, e eu ao olhar quero ver.” Por vezes, são as pessoas, outras são os livros, outras são os lugares que nos fazem ver mais longe ou nos levam a viajar dentro de nós. Menorca foi isso tudo. Um lugar de paz, sem ter feito nenhum retiro, um lugar de introspecção, porque o tempo corre devagar, um lugar de silêncio, mesmo quando a natureza canta. O relógio do Coelho Branco, de Carroll, parou. Não há pressa. Menorca veio comigo e quando fecho os olhos ainda flutuou nas suas águas cristalinas.

A Fugas viajou a convite da Delegação Oficial do Turismo Espanhol em colaboração com o Turismo de Menorca

guia



A TAP e a Easy Jet têm voos directos para Menorca, a partir de Lisboa; Vueling voa a partir do Porto e a Easy Jet inicia a ligação a 29 de Junho.



O Seth Agamenón (www.sethotels.com), em Es Castell, tem vista privilegiada para o porto de Maó e para a Ilha do Rei. Os quartos são simples e confortáveis. Preços a partir de 230€, com pequeno-almoço. Para uma experiência memorável, o Torre Vella Fontenille Menorca (www.lesdomainesdefontenille.com/en/torre-vella), perto de Alaior, num edifício recuperado do século XIV, conta com oito quartos e nove suites com piscina privada, de um luxo discreto. Tem uma piscina exterior, entre a vinha e o olival, serviços de massagens, aulas de yoga ao ar livre e organiza pique-niques ao pôr-do-sol ou eventos privados nas arribas. Preços a partir de 490€.



Cantina
Na Ilha do Rei, é um lugar cheio de História que convida a prazenteiras refeições ao ar livre. O menu é rico nas propostas, com produtos da estação, e cuidado na apresentação: da selecção de queijos de Menorca, aos mexilhões e ameijões do porto de Maó, arroz de marisco, frango do campo, costeletão de Menorca grelhado ou peixes do dia, tudo é de fazer água na boca. Ferry a partir do Porto de Maó. Até 8 Setembro, todos os dias, para almoços e jantares. <https://cantinamenorca.com>

Bibifadet
Comer junto às vinhas, acompanhando a refeição com os vinhos produzidos na casa, depois de uma visita à adega, é a proposta da casa. Preço médio: 50€/pessoa
Ctra. San Luis, s Castell
www.binifadet.com/gastronomia

Casino
Perto do aeroporto, o Casino é um bar-restaurante, que é uma referência gastronómica da ilha. O aspecto é simples, mas serve dos petiscos tradicionais a uma vasta carta, onde não falta a afamada caldereta de langosta. Preço médio da refeição: 30€

Casa multifacetada, recebe eventos e, à noite, continua a animação como clube de jazz. Calle Sant Jaume, 4, Sant Climent
www.casinosantcliment.com



Ilha do Rei - Hauser & Wirth
Uma ilha-museu, para revisitar uma parte da história de Menorca, e um centro de exposições. Por ocasião das comemorações do centenário do nascimento do escultor Eduardo Chillida, dedica-lhe uma retrospectiva, que divide o protagonismo com a artista conceptual americana Roni Horn. O bilhete de ferry dá acesso às exposições: 10€ por pessoa/ 5€ para menores de 18 anos. Durante o Verão, há ligações diariamente entre as 11h e as 22h.
menorca.hauserwirth.com

Lôac - Alaior Art Contemporani
Um museu que reúne uma colecção privada com alguns dos maiores nomes da arte contemporânea: Miró, Bacon, Saura, Tàpies, Abramovic. O bilhete custa 5€.
De terça a domingo, das 10h30 às 14h e das 17h30 às 20h.
Calle Santiago Pons Quintana, 56 Alaior
visitalaior.com

Aglaya
Uma joalheria de autor com propostas de workshops para criar a sua peça.
Calle Seminari, 6
Ciutadella de Menorca
www.aglayamenorca.com

Ansa Per Ansa
Uma loja de bolsas de Menorca, customizadas no local, onde é possível visitar o atelier.
Calle Josep Maria Quadrado, 17
Ciutadella de Menorca
www.ansaperansa.com

Etesian
Uma galeria de arte no centro histórico, com um portfólio diverso de artistas internacionais.
Castell Rupit, 12
Ciutadella de Menorca
www.etesian.net